



## Interfaces bíblicas em Machado de Assis: o *Cântico dos cânticos* no processo criativo\*

Biblical Interfaces in Machado de Assis: the *Song of Songs* in Creative Process

Sofia Débora Levy\*\*

**Resumo:** Neste artigo, abordamos as referências intertextuais de Machado de Assis com textos bíblicos, em especial o *Cântico dos Cânticos*, aludido no conto “O cônego ou Metafísica do estilo”, como fonte de inspiração para o cônego Matias escrever um sermão de bodas. As etapas do processo criativo – ora árduas, ora fluentes – são analisadas sob o viés da teoria psicolexicológica, apresentada pelo narrador ao longo do conto.

**Palavras-chave:** Intertextualidade. *Cântico dos Cânticos*. Processo criativo.

**Abstract:** This article approaches the intertextual references from Machado de Assis with biblical texts, specially the *Song of Songs*, alluded to in the tale “O cônego ou Metafísica do estilo”, as an inspiration for Canon Matias to write a wedding sermon. The stages of creative process – some times arduous, other times fluent – are analyzed under the bias of the psycholexicological theory, presented by the narrator throughout the tale.

**Keywords:** Intertextuality. Song of Songs. Creative Process.

### Introdução

A intertextualidade em Machado de Assis é um recurso de construção textual muito presente ao longo de toda a sua obra. Em cada conto, romance ou poema, podemos encontrar, explícita ou implicitamente, diversas alusões – desde as escrituras, a outros autores e obras consagradas da literatura universal. Memoráveis são as referências bíblicas no conto “O alienista”, na caracterização dos delírios, como o que narrava a sua genealogia para as paredes, por nunca não encarar ninguém: “Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu” (ASSIS, [1882]/1994, p. 257); no romance *Esau e Jacó*, o antagonismo entre os dois filhos de Isaac serve de analogia para o antagonismo político brasileiro do século 19 entre a monarquia e a república: “O simples gosto de nascer primeiro, sem outra vantagem social ou política, pode dar-se por instinto, principalmente



se as crianças se destinarem a galgar os altos deste mundo” (ASSIS, [1904]/1994, p. 967).

Dentre as várias referências bíblicas, Machado de Assis, em mais de um de seus escritos, alude ao *Cântico dos Cânticos* (*Shir HaShirim*), um dos três livros cuja autoria é atribuída ao Rei Salomão – além de *Provérbios* (*Mishlei*) e *Eclesiastes* (*Kohelet*) – no qual o autor cantaria uma alegoria sobre o amor entre Deus e seu povo escolhido, Israel (LEVI; LUZZATTO, 1966), mas cuja conotação reveste-se de uma intensa história de amor entre um homem e uma mulher. Idílio campestre de Salomão, o *Cântico* aparece na epígrafe ao poema *Sinhá*, de Machado de Assis: “O teu nome é como o óleo derramado. *Cântico dos Cânticos*” (ASSIS, [1864]/1994, p. 27). Além dessa inspiração, no poema também encontramos a alusão à *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, seja na sonoridade do próprio título, seja no verso “do canto do sabiá” de exaltação saudosa, e, sobretudo, na devoção amorosa à amada Sinhá, que recebe no clímax da poesia na exaltação da natureza e na pureza do óleo consagrado. Já no poema *A cristã-nova* que conta a história de Ângela, a “recente cristã”, a quarta estrofe abre com a referência ao *Cântico*: “Sentada aos pés do velho estava a amada filha, Bela como a açucena dos Cantares, Como a rosa dos campos” (ASSIS, [1875]/1994, p. 111). *Shir HaShirim* aparece também no conto “O cônego ou Metafísica do estilo” (ASSIS, [1885]/1994, p. 570-573), que passamos a analisar em algumas de suas peculiaridades.

## 1 A estrutura de “O cônego ou Metafísica do estilo”

O conto integra a coletânea *Várias histórias*, de Machado de Assis. Originalmente, foi publicado no jornal *Gazeta de Notícias* em 22 de novembro de 1885, (BARBIERI, 1998), começando com um trecho do *Cântico dos Cânticos* perpassando a mente do cônego Matias enquanto escreve um sermão, a pedido de festeiros. Ao longo do conto, o narrador – “intruso”, pois que fala com o leitor em vários momentos ao longo da narrativa (GANCHO, 2006, p. 32) – passa a descrever como o cônego veio a se dar a este trabalho, as fases de elaboração e, ao final, a sua conclusão, com o acompanhamento, pelo leitor, dessas fases de composição. Essa descrição intercala tempo linear – da situação na qual o cônego, personagem principal, se encontra – e tempo psicológico – referente ao que se passa na mente do cônego em seu processo criativo, que transparece também nas idas e vindas do narrador, entre descrições da narrativa e interlocuções com o leitor (GANCHO, 2006).

Assim, a criação é o mote central do conto. As dificuldades presentes nesse processo são narradas por meio das vivências de esforços despendidos pelo personagem, o cônego Matias, a quem é solicitado a preparação de um sermão,



a ser proferido num casamento. O conteúdo do sermão, uma história de amor, tangencia o tabu do acasalamento. Grande parte da narrativa se passa na busca das palavras mais adequadas para descrever a ideia que assola o religioso. Aspectos linguísticos, enfatizando a questão do gênero, servem de motivo para o acompanhamento do leitor das etapas de criação, em suas fases das mais fáceis às mais difíceis, das tensões oriundas dos conflitos internos, até o alívio, na ocorrência da inspiração criativa.

O narrador leva o leitor a acompanhar as mudanças nos estados mentais e físicos que se passam com o personagem – outra intertextualidade, ora com o cientificismo vigente, e ainda com os primórdios da psicanálise, na referência a Eduard von Hartmann, autor de *A filosofia do inconsciente*, cujo segundo volume traz como subtítulo a “metafísica do inconsciente”, ao qual o título do conto alude (BARBIERI, 1998, p. 24). No peculiar estilo de Machado de Assis, temos um narrador em terceira pessoa, que dialoga com o leitor, e propõe uma tese psicolexicológica: a de que as palavras têm sexo e se relacionam entre si.

Durante esse processo de criação, o narrador descreve o processamento mental e linguístico do cônego, enfatizando a busca de um substantivo por um adjetivo, ilustrando com isso sua tese. Ou seja, o narrador se apropria do conto para apresentar ao leitor a sua tese. Essa apresentação se passa durante o tempo psicológico em que o cônego busca inspiração para melhor articular as palavras que formam seu sermão. O tempo cronológico é marcado quando, ao final, o narrador retoma a descrição do comportamento do cônego em seu ambiente de trabalho. Com isso, temos o tempo cronológico, no qual o narrador descreve a situação de encomenda do trabalho de criação dos festeiros ao cônego; e o tempo psicológico, no qual o narrador irá descrever as buscas mentais do cônego durante esse tempo cronológico da situação em curso. Ainda nesse intervalo de tempo psicológico, há uma extensão temporal na vivência compartilhada no dialogismo com o leitor, extensão essa também espacial, posto que o narrador se dirige diretamente ao leitor e o traz para junto da narrativa, na vivência dos processos descritos, compartilhando, empaticamente, mas não sem ironia, reações com o leitor: “Cambaleias, leitor? Não é o mundo que desaba; é o cônego que se sentou agora mesmo” (ASSIS, [1885]/1994, p. 573).

Ainda quanto à estrutura do conto, o espaço será descrito pelo narrador ora na extensão da sala de trabalho do cônego – espaço ambiental, externo –, ora dentro do seu funcionamento mental – espaço interno. Assim, temos a visão da narrativa de fora, na qual o narrador observa e descreve o comportamento do cônego, e a visão da narrativa por dentro, na qual descreve o que se passa no mundo interno do personagem.



Assim, na descrição espacial externa, o narrador explora a descrição do cenário principalmente quando o personagem busca a superação de sua angústia e cansaço decorrentes do esforço durante o processo de criação do sermão. A exploração do espaço físico ocorre quando da mudança de foco narrativo do espaço interno psicológico do cônego para o ambiente no qual se encontra, enquanto vivencia esse estado interno. É como se o narrador conduzisse a uma mudança de foco narrativo na gestáltica relação figura-fundo, que volta ao seu estágio de foco interno quando o cônego consegue captar a inspiração para continuar a escrita do sermão, agora com o encontro das palavras mais adequadas.

O conto apresenta apenas um personagem, o cônego, que prevalece só ao longo na narrativa. Os outros personagens, afora os coadjuvantes festeiros que encomendam o sermão no início da narrativa, não são humanos, mas de natureza metalinguística: as palavras, os elementos da fauna e da flora, componentes do próprio conto que recebem uma interpretação antropomórfica por parte do narrador. O narrador não é um personagem secundário, ao contrário, é ativo e influente no conto. Tanto que a tese acerca do relacionamento entre as palavras é do narrador, e não do cônego! Poder-se-ia colocá-lo como um outro personagem, posto que participa do conto, apesar de não interagir com o cônego e nem com nenhum outro personagem – mas dialoga e conduz o leitor a acompanhá-lo na descrição das condições internas e externas do cônego.

No conto também está presente uma sutil crítica social, posto que é sobre e a partir de um trabalho encomendado a um cônego que incide a tese acerca da sexualidade das palavras. O narrador atravessa a reconhecida atitude celibatária do cônego para explorar a busca do encontro amoroso e todo anseio nele contido, refletido na tentativa de elaboração do pensamento e na criação do sermão como realidade manifestada, considerando um conflito vivencial do cônego ao escrever sobre um encontro proibido de vivenciar.

## **2 A referência ao *Cântico dos cânticos***

Segundo o narrador, os amantes de quaisquer tempo e espaço falam o mesmo idioma; mas, em se tratando do cérebro de um cônego, “a linguagem é a das Escrituras” (ASSIS, [1885]/1994, p. 571). Assim, para elaborar o sermão que lhe fora encomendado, o cônego Matias inspira-se no *Cântico dos Cânticos*, referência religiosa do supremo cântico de fidelidade. Na escolha dessa fonte de inspiração, nos deparamos com a abrangência cultural universal e a ambivalente atitude de misto de provocação e reconhecimento de Machado de Assis, que abre seu conto com versos do *Cântico*:



— “Vem do Líbano, esposa minha, vem do Líbano, vem...  
As mandrágoras deram o seu cheiro. Temos às nossas  
portas toda a casta de pombos...”

— “Eu vos conjuro, filhas de Jerusalém, que se  
encontrardes o meu amado, lhe façais saber que estou  
enferma de amor...” (ASSIS, [1885]/1994, p. 570).

A autoria atribuída a Salomão é controversa. Segundo o teólogo Gaspar Kruz (1988), Salomão já estaria morto há mais de cinco séculos antes da data mais recuada atribuída à sua composição – e poder-se-ia situar a época dessa composição durante o período helenístico, pela presença do coro, típico das tragédias gregas, e pela semelhança com a poesia bucólica de Teócrito. Quanto ao nome do autor, poderia ser explicado pelo costume antigo de se utilizar um famoso nome da história para realçar e valorizar uma obra anônima.

À parte essas controvérsias históricas, tomamos aqui a referência à autoria atribuída a Salomão. Com isso, vemos que, literariamente, o par ideal do *Cântico* se configura também no nome do autor e de sua amada, a exaltada Sulamita: ambos os nomes próprios formados a partir do mesmo radical.

O hebraico, como língua semítica, apresenta no processo de formação de palavras a característica do triconsonantismo das raízes das palavras, no qual ocorre uma modificação dentro da raiz - a apofonia ou flexão interna – gerando novas palavras. Os processos morfológicos de sufixação e prefixação também estão presentes. Assim, as palavras isoladamente são formadas por meio de modificação interna ou colateral à raiz, ou seja, por meio da flexão (STÖRIG, 1990). O hebraico se torna, com isso, uma língua na qual se pode reconhecer uma palavra pela identificação da raiz triconsonantal nela presente. A partir dessa raiz exprime-se o significado de tudo o que esteja com ela relacionado.

Um exemplo dessa triconsonantalidade encontramos nos nomes *Salomão* e *Sulamita*, aludidos protagonistas do *Cântico dos Cânticos*. As consoantes *s – l – m* formam a raiz da palavra *Shalom* (שלום - em português, paz). A letra hebraica *ש* (*shin*) pode assumir o som de [ʃ] ou de [s]. Já a consoante *ל* (*lamed*) mantém seu som único [l], bem como *מ* (*mem*) [m], sendo que essa última tem sua grafia alterada para *ם* quando se encontra no final da palavra. Os nomes próprios *Salomão* e *Sulamita* teriam sua grafia em hebraico, respectivamente, שלומו e שולמייה com as raízes adjuntas às desinências de gênero masculino ו e feminino יה. Na transliteração do hebraico, os nomes seriam *Shlomo* e *Shulamit*.

Curiosamente, Machado lança mão dos nomes próprios Sílvia e Sílvia entre os quais só há diferença na desinência de gênero [o] / [a], tendo ambos a mesma



raiz consonantal, constituindo-se, linguisticamente, um par mínimo. Seria esta uma alusão e adaptação sutil ao par original do *Cântico dos Cânticos*?

Poderíamos, ainda, supor a escolha não casual do par Sílvio/Sílvia, e não outro par mínimo para nome próprio do casal – como, por exemplo, Márcio/Márcia, com significado etimológico latino a Marte, Deus romano da guerra – traz a conotação de selvagem, posto que o significado etimológico da raiz dos nomes Sílvio/Sílvia é aquilo que é relativo à selva, natureza forte e vicejante; também etimologicamente alude-se a material de construção ou matéria de uma obra (FARIA, 1943, p. 344).

O que nos dá a pensar é qual a intencionalidade de Machado de Assis, ao querer compor a trama inconsciente do conto, provocando a castidade do cônego eclesiasta ao trazer à tona o transbordamento do recalçado, já na escolha dos nomes do casal. Teríamos aí uma ação consciente do autor – exemplificando intencionalmente ou como índice de ato falho – a marca do inconsciente nos nomes de significados selvagens, indicando a condução do conto no jogo de forças inconscientes no qual está inserido o cônego, autor do sermão. Nesse caso, os nomes, portanto, não teriam sido escolhidos aleatoriamente, posto que serviriam de material de base para a construção da teoria psicolexicológica. Note-se que Sílvio busca especificamente Sílvia, sua amada; e ao se deparar com outras possibilidades afetivas, não lhes dá atenção, como destaca Ivo Barbieri:

A narração da busca e encontro do adjetivo adequado ao substantivo declara categoricamente que só é possível uma única combinação perfeita: “Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede um certo amor nomeado e predestinado.” [p. 571] Em outras palavras, a escolha se efetua em função de uma meta de antemão visada e do terreno previamente preparado para que o fogo sagrado do entusiasmo possa ser eficaz “na produção de tudo que é verdadeiro, grande e belo” (BARBIERI, 1998, p. 28).

### 3 A metalinguagem da teoria psicolexicológica

Apesar da alusão ao *Cântico*, o cônego não açambarca a interpretação do amor entre a nação eleita (a esposa) e Deus (o esposo) com o que os judeus devotam seu amor religioso teológico. Os versos de Salomão são tomados como o suprasumo da representação do amor entre um homem e uma mulher enamorados um pelo outro, conforme afirma Kruz:

este supremo “Cântico dos Cânticos” é a consagração mais manifesta do que se entende por fidelidade: a decantada



esposa dos Cantares' resiste heroicamente às investidas de quem quer conquistar seu coração e se mantém fiel ao seu amado. São os "Cantares" o louvor perfeito do mais fiel amor que possa haver (KRUZ, 1988, p. 8).

A teoria psicolexicológica postula que as palavras têm sexo e procuram-se umas às outras. Estas buscam-se a partir da mente de um ser humano sexuado. A humanidade, em sua onticidade, é sexuada, e sexuada é sua linguagem e sua expressão linguística, em conformidade com a novíssima teoria lançada pelo narrador, que assume sua posição renovadora e revolucionária na aproximação de duas emergentes áreas da ciência da época – Psicologia e Linguística. Sabedor de que o leitor o repudiará quanto a essa sua nova proposta, o narrador enfrenta essa resistência diretamente, defende sua tese, ainda que mantendo um discurso metalinguístico de profecia filosófico-teológica:

Nesse dia, – cuido que por volta de 2222, – o paradoxo despirá as asas para vestir a japonsa de uma verdade comum. Então esta página merecerá, mais que favor, apoteose. Hão de traduzi-la em todas as línguas. As academias e institutos farão dela um pequeno livro, para uso dos séculos, papel de bronze, corte-dourado, letras de opala embutidas, e capa de prata fosca. Os governos decretarão que ela seja ensinada nos ginásios e liceus. As filosofias queimarão todas as doutrinas anteriores, ainda as mais definitivas, e abraçarão esta psicologia nova, única verdadeira, e tudo estará acabado. Até lá, passarei por tonto, como se vai ver (ASSIS, [1885]/1994, p. 570).

A narrativa descreve o árduo trabalho de redigir um sermão encomendado a um cônego para uma celebração de bodas. Aqui encontramos um caráter paradoxal na medida em que o cônego, um celibatário, escreve os sermões de casamentos entre homens e mulheres que conduz, mas ele mesmo não experiencia tal encontro. No entanto, nem em seu trabalho consegue escapar de ver o aspecto inerente do sexo até mesmo nas palavras, as quais, para atender à norma culta da língua, devem se justapor em concordância de gênero, em conformidade às regras sintáticas e gramaticais: "[...] procuravam um ao outro na cabeça do Cônego Matias um substantivo e um adjetivo [...]"(ASSIS, [1885]/1994, p. 570).

A busca pelas palavras, no entanto, nem sempre é fluente. Há momentos em que as palavras simplesmente não afluem e o processo criativo trava. Nisso, o narrador descreve o cônego fazendo uma pausa, distraído vendo a paisagem pela janela. Nesse desvio do foco de concentração, no alívio do



esforço, se processa inconscientemente, o encontro das palavras, em perfeito acasalamento.

Conforme observado pela psicanalista Maria Luiza Assumpção, “é exatamente nos pequenos, que se tornam grandes espaços abertos à natureza, que MA vai nos aproximar um pouco mais da sua afetividade” (1993, p. 172). Também no conto aqui em análise, com o cônego fechado em sua casa é que se dá a criação do sermão de bodas. Mas só quando o religioso se levanta, vai até a janela, olha a natureza, e volta, é que consegue encontrar a palavra buscada, acasalando-a. De acordo com Assumpção, essa característica, encontrada em diversas obras de Machado de Assis – tais como nos jardins de *A mão e a luva*, no terraço do primeiro beijo entre Bentinho e Capitu em *Dom Casmurro* ou nas andanças pelos vales em *Helena*,

evidencia a necessidade da distância que se torna responsável e que transforma a relação com o mundo e com as coisas. Talvez pudéssemos dizer que foi se mantendo dentro dos limites de Laranjeiras, do Flamengo e do Catete que MA conseguiu reprimir dentro de si toda a sua afetividade sem se dissociar, quando no social. (ASSUMPÇÃO, 1993, 172)

Ampliaríamos, a partir da hipótese de Assumpção, que a condição do cônego, pela sua castidade, configura um personagem que reprime dentro de si a sua plena afetividade. No início do conto, mostrou-se contrariado com a encomenda do sermão de bodas, “ele que se regalava então com uma grande obra espiritual, chegada no último pacote, recusou o encargo; mas instaram tanto, que aceitou” (MACHADO DE ASSIS, [1885]/1994, p. 570).

O isolamento desejado para a dedicação à leitura espiritual é quebrado, abruptamente, pela visita inesperada dos festeiros para encomendar o sermão. Interrupção que é traço simbólico da irrupção abrupta das paixões, que rompem as defesas e desviariam os humanos de seus caminhos ordinários. A condição clériga seria também uma configuração simbólica do isolamento e da repressão afetiva como recurso necessário à contenção da dissociação psíquica, projetados pelo autor na personagem.

## Conclusões

Afrânio Coutinho (1983) refere-se a Machado de Assis como o maior escritor da Língua Portuguesa, ao lado de Camões, sendo exímio em todos os gêneros aos quais se dedicou – inclusive a dramaturgia, aludido por alguns críticos como de menor valor. Coutinho também ressalta a excelência dos contos de Machado de Assis, pela dificuldade de construção textual desse gênero, mas que o próprio





referencia de forma despreziosa na “Advertência” da coletânea *Várias histórias* (p. 476), como um escrito que é “um modo de passar o tempo” e que, caso não agrade ao leitor, traz uma vantagem sobre os romances: são curtos. Barbieri ressalta que, nessa “advertência”, a epígrafe de Diderot “*Mon ami, faisons toujours des contes... Le temps se passe, et le conte de la vie s’achève, sans qu’on s’en aperçoive*” (p. 476), indicia que tanto a leitura quanto a redação do conto fazem com que “o conto da vida se escoe sem que dele nos demos conta” (BARBIERI, 1998, p. 23), numa alusão às atividades conscientes e inconscientes simultâneas, que são exploradas na narrativa.

Sendo Machado de Assis um autor representativo do Realismo Psicológico na Literatura Brasileira e tendo ele vivido na época do cientificismo positivista, e das grandes descobertas da Psicologia e da emergente Psicanálise, encontramos várias alusões psico-fisiológicas na descrição metalinguística do processo criativo.

Quando da descrição do espaço interno e do tempo psicológico no processamento mental e criativo do cônego, o narrador conduz o leitor por caminhos sinestesticamente descritos em interface com as circunvoluções cerebrais, dando a noção de acompanhamento do processo criativo na interface mente-cérebro. Tal descrição ilustra uma interdisciplinaridade que contribui para que o conto continue atual, ainda que decorrido mais de um século de sua criação.

A interdisciplinaridade, tão em voga hoje em dia, e tão revolucionária à época, é apresentada, provocativamente, na teoria psicolexicológica. Uma teoria que procura evidenciar que a sexualidade se faz presente até na nossa ordem discursiva, e que, portanto, sua vicejante anulação está fadada a insucesso, sob pena de repressões conflituosas, que emergem como sintomas, como num momento de criação, travando o transbordamento da expressão.

A sublimação das paixões por parte do celibatário cônego é posta em xeque por Machado de Assis, ao insinuar as resistências que influenciam na dificuldade de criação. O recurso ao texto bíblico é uma tentativa do cônego para, sublimando e atendo-se ao seu cargo clérigo, cumprir a sua função. Mas a escolha se dá nesse texto bíblico de ambígua referência: fidelidade do povo hebreu ao seu Deus único e/ou de um homem para com a mulher amada? Essa ambiguidade é uma marca de Machado de Assis, assim como a dialética dos opostos, que aparece na abordagem do sagrado e do profano, do consciente e do inconsciente, da distância e da proximidade, da busca e do encontro. Dinâmicas estas presentes sempre em nossas vidas.

-----



\* Este artigo foi produzido com o apoio da CAPES.

\*\* **Sofia Débora Levy** é Psicóloga Clínica, Pós-Doutoranda em Memória Social/UNIRIO e Bolsista PNPd/CAPES.

## Referências

ASSIS, J. M. Machado. Sinhá. In: *Obra Completa*, v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1864]/1994. p. 27.

ASSIS, J. M. Machado. A cristã-nova. In: *Obra Completa*, v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1875]/1994. p. 110-125.

ASSIS, J. M. Machado. O alienista. In: *Obra Completa*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1882]/1994. p. 253-288.

ASSIS, J. M. Machado. O cônego ou Metafísica do estilo. In: *Obra Completa*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1885]/1994, p. 570-573.

ASSIS, J. M. Machado. *Esaú e Jacó*. In: *Obra Completa*, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, [1904]/1994. p. 945-1093.

ASSUMPÇÃO, Maria Luiza T. Machado de Assis: história e pré-história. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, n. 45: (3) e (4), jul./ago., 1993, p. 158-197.

BARBIERI, Ivo. O cônego ou invenção da linguagem. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 133/134: 23/34, abr./set., 1998.

COUTINHO, Afrânio. *O processo da descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

FARIA, Ernesto. *Vocabulário Latino-Português*. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia., 1943.

KRUZ, Gaspar (Org.). *O Cântico dos cânticos de Salomão*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LEVI, Leo; LUZZATTO, Iolanda. *Beit Israel: o povo judeu, sua história e suas tradições*. Trad. Israel Scolnicov e Samuel Scolnicov. Jerusalém: Departamento de Educação e Cultura pela Torá na Diáspora da Organização Sionista Mundial, 1966.

STÖRIG, Hans J. *A Aventura das línguas: uma viagem através da História dos idiomas do mundo*. Trad. Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1990.